

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Povoia, Eixo, Q. do Oato, Bousitecso, Esgueira, Mataducos, Avanca, Estarreja, Espinho e Avejea.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Redactor e Editor

Antonio da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

O 1.º DE MAIO

A República bem aperefeioada, é o único regimen que convêm ás classes proletarias, diz-nos o jornalista e velho militante operário Anibal Cruz.

O dia 1.º de Maio, não é um dia de festa, mas sim, uma data que relembra sacrificios e perdas de vidas, em prol de uma causa justa e humana.

O proletariado de todo o mundo o respeita, prestando assim homenagem aos que conseguiram um direito após tantos anos de luta.

Aos *Ecos de Cacia* não poderia passar despercebido o 1.º de Maio, trazendo para as suas columnas a opinião autorizada de um militante operário. Fomos nós, humilde colaborador deste jornal, o encarregado dessa missão e não foi sem dificuldade que escolhi um nome, e a escolha coube ao redactor principal deste jornal, o velho jornalista sr. Anibal Cruz, que há causa do operariado tem dado o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Amigos inseparaveis, companheiros de luta pela causa da República e de todos os problemas sociais, Anibal Cruz decerto se não negaria a deixar-se entrevistar por nós. Visita de sua casa, não era preciso avisá-lo que iam lá. Pelo que, no dia 1, esse grande dia, para lá nos dirigimos, debaixo de chuva, porque infelizmente nós honrados jornalistas, que não vendemos a nossa pena a clientelas nem a empresas, não temos dinheiro para andar de automovel: andam sim, todos aqueles, que sem respeito pela dor alheia, passam salpicando lama com os seus carros, o humilde, o honrado e o sempre desventurado trabalhador.

Não somos jornalistas de *cartel*, não andamos á procura de sensacionais entrevistas, dentro de um automovel, parando de quando em quando, para que a objectiva fotografica nos apanhe. Lutamos com dificuldades, mas satisfeitos em deixar um nome humilde, sim, mas digno, quando o nosso corpo baixar á vala, ou á sepultura, onde mãos amigas e caridosas ponham uma tosa como preito de saude.

Numa campã onde as la-

grimas dos que cá deixamos, representem a gratidão por lhes ter legado a maior das fortunas: um nome sem mácula, honrado.

E foi, com o corpo encharcado que demos entrada na residencia do honrado jornalista Anibal Cruz, que como sempre nos recebeu efusivamente. Posto ao corrente do motivo da nossa visita, não foi sem surpresa que nos disse:

—Eu ser entrevistado?

—Sim... e como amigo e camarada o meu pedido, vá não pode ficar sem efeito.

—Pois bem... ao vosso dispor!...

Começamos então a dar inicio á nossa missão, interrogando:

—Como encára o camarada o dia 1.º de Maio?...

—Encaro o como uma data comemorativa de lutas pelas reinviadações sociais, baseadas nos principios republicanos, pois que a República bem aperefeioada, é o único e verdadeiro regimen que convêm ás classes proletarias.

E sorrindo prosseguiu:

—Eu guardo e guardarei sempre o dia primeiro de Maio, para render preito e homenagem a homens, que não só em Chicago baquearam em prol da causa das *8 horas de trabalho*, bem como curvar-me perante a memoria de democratas como Estêvão de Vasconcelos, esse illustre deputado republicano que no tempo da nefasta monarquia,

que nos governava então, pugnou e sempre dentro do Parlamento, pelas 8 horas de trabalho. Bem assim, como as officinas, fabricas e outros estabelecimentos fossem dotados da necessária hygiene, que ainda hoje infelizmente não existe, dentro das casas onde trabalhamos, que são verdadeiros focos de infecção, que levam a desgraça a muitos lares que vêem morrer os seus entes queridos, vitimados por esse grande flagelo nacional:

o mesmo tempo representa o dia da *revolta*, contra as potencias dos viciosos e exploradores.

Um momento de pausa para a troca de um cigarro, deu-nos ensejo de interrogar:

—Que nos diz, quanto á situação actual das classes operarias?

E Anibal Cruz deixou então de sorrir, e foi pausadamente que nos disse:

—Eu compreendo que as classes operarias actualmente, como tudo, estão desorganizadas, mas apesar disso, tenho uma grande esperança, a esperança de que o operariado, ha-de vir a ter melhores dias, porque como o camarada sabe, tem sido elle, o maior, o mais acerrimo defensor da nossa querida e imortal República.

E, essa ha-de dar-lhe, e muito em breve creio, um futuro melhor e condigno perante as leis, que compõem a *Democracia*, e as quais encerram a

verdadeira protecção ás classes trabalhadoras.

Somos agora nós, que aproveitando o entusiasmo do nosso illustre entrevistado inquerimos:

—O que têm feito em sua opinião os sindicatos?

—Posso afirmar, e bem alto, que nada, absolutamente nada têm feito.

—O motivo? — dissemos.

—O de, nos corpos directivos dos sindicatos e associações de classe, se terem infiltrado elementos politicos, que só prejudicam a marcha triunfal, que era para desejar, da familia, dessa grande familia, que se debate na maior das miserias: a *familia operaria*.

—E assim?

—A sua acção tem sido por completo nula.

E o nosso querido amigo, cuja cabeça tem cheia de cáhns, prova de quantos sacrificios tem passado, em prol de todos, enfim da Humanidade, acrescenta:

—E tão nula, que as classes na sua maioria desprezaram os seus sindicatos ou associações, dedicando todas as suas horas livres, a praticar varios desportos e por último assi-tirem ás touradas de morte, a ês- e tão barbaro e petaculo que é a vergonha de todos nós, homens que nos julgamos livres.

E a terminar, Anibal Cruz declarou:

—É necessario na hora que passa, todos, e especialmente os *novos*, os trabalhadores de todo o paiz, venham ao nosso encontro, ao encontro dos velhos, que já cansáto, sentem perder as forças em defesa dum direito que lhes assiste e se resume no bem estar da familia trabalhadora.

Direito, que começou a sêr reclamado em 1 de Maio de 1886, ou sejam 47 annos de luta Titânica, para o usufruir em parte.

Estava terminada a nossa

missão, e certos de que os leitores do *Ecos de Cacia*, iam ter a alegria, a ventura mesmo, de lêr nas suas columnas as firm ações dessas ombradas de um trabalhador, que honra a que pertence. E nós honrados ficamos de ter sido o convidado pelo cidadão sr. José Marques Damião, de tal tarefa.

Ao escrevermos por fim estas linhas, sentimo-nos cada vez mais amigos e leais filhos da nossa Pátria, que será sem a República, essa República sonhada por homens, como António José de Almeida, Afonso Costa, Bernardino Machado, e tantos outros.

Que dentro de três annos, no dia 1 de Maio, data em que fáz 50 annos que se começou a pugnar pelas 8 horas de trabalho, que só passádos 35 annos, na conferencia de Washington foram reconhecidas, gritamos e bem alto, tão alto, que todos nos ouçam, e compreendam o objectivo da União dos Trabalhadores:

—Pelas 8 horas de trabalho!... Pelo bem estar dos trabalhadores de todo o mundo!...

Lisboa, 1 de Maio de 1933

Carlos Regueira Santos.

Aos nossos assinantes

Partecipamos a todos os nossos assinantes que a tratar de assumtos para o nosso jornal, se encontra em Lisboa desde o dia 28 do corrente mês. o nosso Director, podendo sêr procurado por qualquer interessado na R. Manuel Bernardes, 76—Casa Fermelã.

Mais avisamos os nosos presados assinantes que, o mesmo aproveitará a sua estada ali para fazer a cobrança do 6.º semestre do nosso jornal.

A todos os nossos leitores, o nosso reconhecimento.

Pavões

Vende-se um caval.

Nesta redacção se diz.



Anibal Cruz

João Martins Branco

Passou há dias o 2.º aniversário da morte do indito estudante Martins Branco que, no findar duma tarde de Abril, nuns trágicos acontecimentos que tiveram por falso a Escola Médica do Porto, foi traiçoeiramente colhido pela garra adunca da morte...

Muitas são as vezes em que nós deixamos vagar novamente pela ardósia do passado, e seguindo o impulso d'uma profunda e carinhosa saudade, recordamos os indissolúveis laços de Anizade que ao infelizmente Martins Branco, nos unia.

Numa visita que há pouco fizemos á campa rasa que oculta seus restos mortais, n'ela desfolhamos as flores da nossa saudade, e de relance, com o olhar da imaginação, vimos o que foi a sua vida desde o dia em que fomos, pela primeira vez, condiscipulos—isto ainda na instrução primária—até á última vez em que lhe falamos! E para nós estas interrogações fizemos, respectivamente: Quem diria, que ao despedir-nos era a última vez que lhe falávamos? Para que serviu o afan, a aplicação, que sempre devotou aos estudos?!

O que é a vida e como por vezes o destino se reveste duma implacabilidade atroz! São volvidos dois, anos após o seu desaparecimento. Há dois anos tudo foi dor, tudo foi tristeza, tudo foi luto!

Hoje, a sua memória vive recordada por muitos Espinhenses, que não olvidaram ainda a importância das homenagens que revestiram o seu funeral.

E estas singelas palavras, desejávamos nós que fossem lidas por todo o Portugal, para que inúmeras bocas pronunciassem o seu nome, como freito de saudade á sua memória. Que ao menos quem nos ler, tenha um pensamento que dedique á memória do Martins Branco, porque como ontem, nós hoje dizemos:

“Que a nossa dor contribua para o descanso d'alma d'aquella que desde os bancos da escola sempre soube ser bom e leal amigo”.

F. Espinhense.

Queda de bicicleta

Quando se dirigia a Cacia no dia 23 p. p. mês o sr. Manuel Rodrigues Teixeira vindo de Frossos deitaram-lhe um pé na roda da frente da bicicleta, na qual vinha montado, o que daí resultou êle dar uma queda desastrosa, de encontro a um monte de pedras que se encontravam na via pública, a qual deu origem a êle ficar ferido no braço esquerdo ainda com um ferimento regular.

Ao nosso amigo e assinante desejamos-lhe rápidas melhoras.

A Semana da Tuberculose

É de 1 a 7 deste mês de Maio que em todo o nosso país tem lugar a «III Semana da Tuberculose», que tem como objectivo uma intensa propaganda de preceitos higiénicos combativos da terrível doença contagiosa e a angariação de donativos destinados a minorar o sofrimento de muitos tuberculosos pobres, dando-lhes a bergue, para assim não contagiarem os saudáveis, com quem convivem.

Auxiliar esta obra altruista e benemérita é, pois, um dever de todos nós.

Sempre por Espinho!

A triste odisseia de uma vila Beirã.—Traços historicos.—O que pode a tradição.—Se a justiça é cega...

Encontrando-nos há dias, em viagem, com um velho amigo natural de Vouzela, e, falando-se em comarcas extintas, expuzemos-lhe sucintamente a questão: «Espinho—Feira». Ao inquirirmos da sua opinião sobre o assunto, notamos-lhe desenhada no rosto, até ali jovial, uma nuvem plúmbea de tristeza. Por momentos estabeleceu-se um profundo silêncio que o nosso interlocutor interrompeu para dizer num dolorido soluço: — «Meu caro!... Vila da Feira tem de resignar-se á sorte da minha querida terra...»

Porque se nos afigura interessante e oportuno, narremos a triste odisseia da ridente vila—uma das mais antigas, senão a mais antiga do distrito de Viseu—que os dois rios de onde tira o nome—«Vouga» e «Zela»—estreitam, num amplexo de amor e volúpia.

Escudada nos seus velhos pergaminhos e protegida pela virgem do Castelo—que da sua capelinha alvinitente, postada no monte, parece lançar-lhe uma benção permanente—a encantadora «princesa do Zela» dormitava, impassível, convicta de que a sua integridade territorial se manteria eternamente. Seu filho mais velho—S. Pedro do Sul, a oito quilómetros na direcção nordeste—desenvolvia-se consideravelmente ajudado por Vouzela que, conscia dos seus deveres de mãe, ufanava-se crescimento veloz do idolatrado rebento. Este, atingindo a maioridade, reclama a sua independência. Vouzela vê o seu pecúlio ameaçado mas, compreendendo a razão que ao filho assiste, de bom grado lhe concede o patrimonio.

Volvem os anos. Vouzela de novo repousava, absorta, na contemplação da sua beleza que se reflecte nas aguas cristalinas dos rios. Era linda, rica, poderosa e, sobretudo, ostentava ainda o honroso titulo de «capital da região de Lafões». Nada lhe fazia prevêr uma fatalidade futura. Confiante, dormia tranqüila. Do subit, desperta em sobressalto. A oito quilómetros na direcção poente, a sua segunda filha—Oliveira de Frades—exige autonomia. A pobre mãe protesta, mas não consegue evitar a criação de uma nova comarca.

Chega o 28 de Maio e, apezô, o programa da compressão de despesas. Numa extensão de dezasseis quilómetros, trez sédes comarcas existem. Havia que se suprimir uma e, sendo Vouzela inferior a S. Pedro do Sul, é contudo, inmensamente superior a Oliveira de Frades, tudo levando a crêr que o fio partisse pelo ponto mais fraco, seguindo a ordem natural das coisas. Porém, tal não succede. Vouzela, porque occupava o centro da área em questão, é apontada ao sacrificio; a sua situação geográfica descarrega-lhe o golpe fatal.

Em cada cerebro vouzelense perpassa uma onda de revolta; em cada um de aquelles corações, essencialmente baírristas, cai a lamina gélida de um punhal. Protestam inergicamente, chamam justiça, invocam tradições, mas Vouzela a perde a sua jurisdição forense, tão antiga, que para se avaliar de onde ela distava, basta saber-se que ainda hoje ali se ergue, em praça pública, o fantástico cadafalso que tantos crimes ter expirar...

Vem isto a proposito dos argumentos que Vila da Feira apresenta para obstar á criação da comarca de Espinho. Antes po-

rem de atingirmos o fim que aqui nos traz, permitimo-nos confrontar imparcialmente, sob todos os seus aspectos, as duas vilas em fôco—Vouzela e Feira: —A epoca da fundação de Vouzela perde-se na bruma esfumada da distancia. Nada de positivo existe a tal respeito. Contudo, sabendo-se pelos antigos historiografos, que junto ás margens do Vouga existiu uma povoação denominada *Vacca*, que os *túrdulos* ou os *pésures* (ramificações celtas) haviam edificado, supõe-se que seja esse o local onde se ergue a vetusta «capital de Lafões». Os romanos e os arabes, ali deixaram vinca-dos indeleveis sinais da sua passagem.

—Vila da Feira foi edificada pelos *galos-celtos*, que lhe deram o nome de *Longobrica* ou *Loncobriga* e atingiu grande importância durante o dominio dos romanos e áos arabes.

—Monumentos historicos: possue a vila da Feira um castelo e, Vouzela outro, alem da sua antiquissima Sé (considerada «Monumento nacional»).

—Na historia patria, escreveu Vouzela a mais brilhante das paginas, com o sangue do seu heroico e abnegado filho—o alferes-mór Duarte de Almeida. Portugal pagalle com a mais negra ingratitude: — ontem, deixando morrer na miséria o *decepa* de Toró e hoje decepando-a a ela propria...

—A industria, em Vouzela, se bem que não se possa considerar importante, suplanta, em vida a de Vila da Feira. A desta limita-se a duas pequenas oficinas de ferraduras—o artigo que mais se gosta ali—enquanto que aquella possui uma boa fabrica de massas e outra de serração e carpintaria.

—Tem, Vouzela, modelares estabelecimentos de mercearia, fazendas, miudezas, pastelarias, hotéis, etc. Na Feira apenas existem algumas tabernas, uma padaria e duas pensões.

—Vouzela, a-pesar-das atrocidades da sorte, não desanima e antes enverada na senda do progresso. Das trez vilas de Lafões é ela a que mais se vai desenvolvendo, nos ultimos tempos. Tem bellissimas ruas, convenientemente arborizadas; alguns jardins; o parque de Nossa Senhora do Castelo (900 metros de altitude), de onde se disfruta um dos mais vastos e deslumbrantes panoramas nacionais; um edificio proprio para os Paços do Concelho, de recente construção; um mercado diario cercado de pavilhões (autentica miniatura do seu congener de Espinho); uma feira mensal, com abarracamentos de pedra e cal, etc. Trabalha agora no aformoseamento do parque do castelo e pensa na construção de uma nova cadeia.

—Que tem a Feira para oferecer ao turista? Se não tem uma rua que tal nome mereça; se o seu mercado é semanal e effectuado num largo, ao rigor do tempo; se alberga os magistrados e outros funcionarios publicos num reles pardiêiro edificado ha alguns seculos, etc. que tem a Feira—repetimos—para oferecer aos olhos que a visitam?—As ruínas de um castelo.

—É interessante talvez dizer-se, leitores, que só no desenvolvimento, a Feira se afasta de Vouzela. Em todas as outras coisas quasi se iguala; até deste simbolo pormonor:—a Feira é conhecida como detentora do melhor fabrico da fogaça e, Vouzela dos melhores pasteis.

Bom seria que a Feira procurasse manter a sua integridade

administrativa e comarca, impondo-se pelo seu trabalho e progresso—arma que Vouzela escolheu para reconquistar o seu peculio desbaratado.

—E julgando ter provado irrefutavelmente a superioridade de Vouzela—uma vila montesinua—sobre a Feira—que o não é, para vergonha da prospera provincia do Douro—restanos afirmar que Vila da Feira, como Vouzela se encontra situada entre duas terras de capital valor: —Espinho, infinitamente superior a S. Pedro do Sul e S. João da Madeira que com grande vantagem supera Oliveira de Frades.

Nesta conformidade e, se a justiça tem por simbolo uma mulher cega que se não deixa guiar por ninguem, que sorte esperará Vila da Feira?—A mesma que teve Vouzela: morrer com a criação das novas comarcas de Espinho e S. João da Madeira.

Não é, por enquanto, isto que se pretende. S. João da Madeira procura engrandecer-se, mas dentro dos seus actuais dominios. Espinho, que em igual plano atingiu o ponto culminante, necessita de liberdade para prosseguir com a sua acção progressiva. Não exige o extermínio da Feira. Pede, sim, autonomia judicial.

E porque reputamos de justissima essa aspiração, damos-lhe o nosso incondicional apoio, continuando firme no nosso posto de combate, sempre por Espinho.

Perola Verde.

O caso da «Maria do Sol»

Tôda a gente que lê jornais conhece, e até mesmo muitos daquêles que os não lêem também conhecem, pelo que têm ouvido dizer, o caso daquela mulher ali de Sangalhos, que para defender a sua dignidade e honra, bem assim a dignidade e honra de seu marido, se viu na necessidade de matar o algoz que para fins malévolos e desonestos a perseguia desde há muito.

Pois essa mulher foi, como era natural, julgada no tribunal da sua comarca de Anadia e por êle condenada, a-pesar-da sua attitude ter sido honrosa para si e para o sexo a que pertence, como tam elle quentemente o demonstrou o seu distinto advogado de defesa.

Agora, que ela se encontra numa masmôrra a cumprir o degredo que lhe foi infligido, são milhares e milhares de mulheres portuguesas que, num gesto simpático e justo, vão, com as suas assinaturas, pedir ao Sr. Presidente da República que «Maria do Sol» seja indultada, porque se é verdade que ela matou, não é menos certo de que ela o fez para salvaguardar a sua honra, provando assim ser digna do homem seu marido.

Tendo, pois, em consideração tudo isto é de esperar que Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República indulte «Maria do Sol» e nisso estão confiadíssimas todas as mulheres portuguesas.

Os Pobres de Lisboa

Lisboa está finalmente livre daquêles pedintes que, ainda não há muito tempo, enxameavam as suas principais artérias, estendendo a mão á caridade esmoler de quem passava. Êsses mendigos, que o destino e a má organização da nossa defeituosa sociedade atirara para as ruas da cidade, patenteando aos olhos, quer de nacionais, quer do estrangeiro que nos visitava, a sua dolorosa e impressionante miséria, encontram-se, presentemente, os mais necessitados, os verdadeiros necessitados,—porque muitos o não eram,—num albergue apropriado. Perito de setecentos pobres, arrancados á fome, arrancados á miséria que os enxovalhava a êles e deprimia a sociedade que mantinha essa miséria com a sua esmola irregular e incerta, se alojam actualmente no Palácio da Mitra, socorridos pelo óbulo caritativo de cerca de vinte e oito mil subscritores, que para essa grandiosa obra humanitária concorrem mensalmente com perto de cento e cincoenta mil escudos.

Visitámos há dias as suas instalações que, após a visita de Sua Ex.ª o Ministro do Interior, foram abertas ao público. Dessa visita recolhemos nós, e por certo todos aquêles que tiveram o prazer de a ela assistir, a mais grata impressão sobre a maneira impecável como se acham instaladas as suas dependências. Tudo perfeito, com ordem, sem luxos espalhafatosos e sempre escudados em obras desta natureza. Devem sentir-se bem, satisfeitos mesmo, dentro daquêle enorme Palácio, transformado pelo sr. Comandante da Policia de Lisboa nêsse admirável albergue que é o Depósito de Marvila, os seus habitantes. E se é certo que êles muito perderam em liberdade, muito ganharam, compensadoramente, no bem estar que agora ali usufruem. Não falta nem a enfermaria onde são carinhosamente tratados nas suas doenças, nem a Escola onde as crianças, tiradas á miséria e á vadiagem que preverte e conduz ao crime, aprenderão a serem pessoas dignas e úteis a si e ao seu Paiz.

Esta obra, de difficil execução numa terra como a nossa, foi possível, graças aos bons e generosos esforços do Coronel sr. Lopes Mateus. Ela será, estamos disso convencidos, a sua obra máxima, aquella de mais largo alcance social, e que, por si só, o tornará crêdor da gratidão de todos os habitantes de Lisboa.

Lisboa, 1933

Sousa Torres.

PADEIRO

Oferere-se forneiro ou amassador, em Lisboa ou Provincia. Quem pretender dirigir a correspondência para Armando Nunes Ferreira.

R. da Imprensa Nacional, 44 LISBOA

NOTAS A LAPIS

ANTÓNIO DA SILVA

Há dias, quando o nosso querido amigo sr. Antonio da Silva chegava ao Ramalhal foi abordado pelo sr. Manuel Vieira, vigário daquela freguesia, que o ameaçou com um enorme guarda-chuva e que se continuasse a referir-se na imprensa sobre a sua santa pessoa o chamava á responsabilidade.

O mais interessante é que o nosso amigo sr. Antonio da Silva pôz-se a rir, mas a bom rir com as ameaças do padre provocador. E até nós também rimos!...

REGUEIRA SANTOS

Passa hoje o aniversário natalício do distinto jornalista sr. Carlos Regueira Santos, redactor da *República* e nosso estimado colaborador, pelo que lhe endereçamos um grande abraço acompanhado dos melhores votos de felicidades, pois que é um democrata de caracter que bem merece todas as venturas.

TOUROS DE MORTE

Temos conhecimento que o nosso colaborador Regueira Santos, illustre jornalista, enviou á Sociedade Protectora dos Animais, em virtude de a mesma ter feito distribuir por todo o país, um manifesto com as opiniões das mais altas personalidades em todos os campos sociais contra os touros de morte, também a sua preciosa opinião o qual aqui arquivamos por palavras abertamente dignas da Humanidade: Ei-lá:

«Sou contrario aos touros de morte, pelo facto da minha intelligencia não compreender que num país que se diz civilizado se consinta tão barbaresco espectáculo, que é a negação completa de um Povo!»

Perfilhamos as palavras de Regueira Santos, porque ellas são a Verdade.

FRANCISCO ALVES

Acompanhado de sua esposa, partiu no dia 17 do mês passado para a Aldeia Nova de S. Bento (Alto Alentejo), de visita a sua familia, o nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Alves, 2.º sargento reformado, de Lisboa.

Oxalá que goze uma viagem feliz e regresse á capital sempre com aquela alegria que o torna um velho cheio de juventude.

O NOSSO DIRECTOR

Encontrou-se em Lisboa desde o dia 28 do mês ultimo o nosso

querido director sr. José Mar-Damião, que tem sido alvo das mais carinhosas manifestações dedicadas ao *Ecos de Cacia*.

No domingo, em casa do nosso estimado amigo e assinante sr. José Sousa Torres, foi lhe dedicado um jantar ao qual apenas assistiram as pessoas de familia Torres e o nosso camarada Anibal Cruz.

Decorreu animadamente e pronunciaram-se affectuosos brindes, salientando o do nosso redactor principal que se referiu á dedicacão dos bons amigos do *Ecos de Cacia* e o nosso colaborador Carlos Regueira Santos, e por ultimo o sr. José Marques Damião agradeceu as provas de apreço em que tem do seu jornal, brindando comovido pelas felicidades do nosso amigo Sousa Torres e de sua esposa a sr.ª D. Gloria da Silva Torres que de uma maneira gentil acolheu os assistentes ao jantar oferecido em sua casa.

De Oliveirinha

Manuel F. Tomaz Maio — Partiu ontem para a Figueira da Foz, onde vai ser colocado nos escritorios da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, este nosso prezadissimo amigo e republicano intranzigente, o qual, apesar de novo ainda, tem já dado sobejas provas do seu acendrado amor pela República e pela sua terra natal, que é também a nossa.

Ao nosso e bom e prezadissimo amigo Figueira Maio, apresentamos as nossas sinceras felicitações ao mesmo tempo que fazemos votos para que a vida lhe corra conforme deseja.

Doente — Encontra-se gravemente enferma, há dias, a sr.ª Rosa Arsénia, ali da rua dos Melões e a quem desejamos rápidas melhoras.

Oliveirinha, 1-5-1933 C.

Este numero foi visado pela Censura

De Albergaria-a-Velha

FOOT-BALL—Realizou-se no passado dia 9, no campo da Feira Nova um desafio entre os primeiros grupos dos Sports Club do Bustelo, e Sport Club de Albergaria, que depois de 90 minutos de bom Foot-Ball de parte a parte terminou com a victoria do grupo local por 6-0. Neste jogo a destacar o bom trabalho do guarda redes, encontram-se em defesa, direita, do Sport alinharam os srs. José Luiz Serrão e Guiado, Varela, Rui, Carlos Rodrigues, Avelhinha, Mourão, Rosa, Faustino e Valadas.

Defesa direita médio centro e, trio avançado do grupo visitante, os srs. Amílcar Zêca, Melo, Mario Pinho, e gueirão, do grupo local.

—Na passada segunda-feira de Pascoa, dia 17, visitou-nos pela primeira vez, o Sport Club de Portugal que marcha a cabeça do campeonato de Lisboa o qual realizou um desafio com o Sport Club de Albergaria, sua filial. Este encontro que foi presenciado por mais de 2:000 pessoas. Terminou com a victoria, já esperado, do grupo da Capital por 8-2.

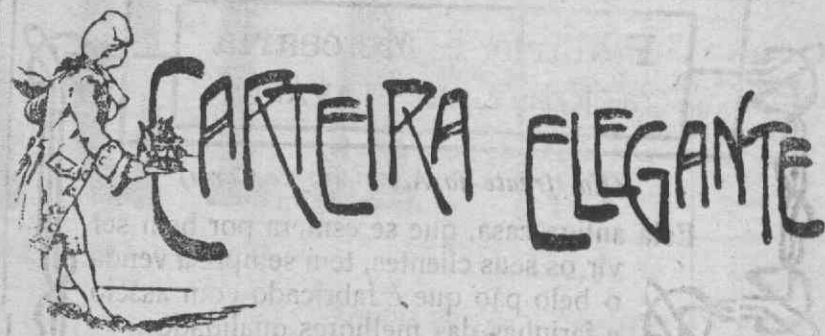
O Sport jogou muito bem tendo-se destacado, guiado, Serrano, Faustino, Mourão, Valadas, e Rui Araujo, e do grupo local todos trabalharam para alcançarem os dois pontos de honra.

O Sport Alinhou, José Luiz Serrão e Guiado, Varela, Rui, Carlos Rodrigues, Abelhinha, Mourão, Rosa, Faustino e Valadas. C.

Nova Guerra?

Tudo leva a crêr que brevemente se desencadeará um conflito entre a Rússia e o Japão, por causa do Caminho de Ferro Oriental chinês, visto o consul geral do Japão em Karbne ter dado instruções de violência, para provocar a interrupção de comunicações entre o Este chinês e o Caminho de Ferro Trans-Baikal.

Oxalá que o governo do Japão ponha a tempo termo ás desinteligencias que há entre elle e a Rússia, que é a maior nação da Europa, porque de contrário ter-se-ão de bater, para o que já andam a tratar os preparativos de guerra.



ANIVERSARIOS

Faz anos no dia 19 do corrente mês, o filho do nosso amigo e assinante sr. José Maria da Silva Matos industrial de Panificação em Espinho.

—Igualmente fêz anos a sr.ª Augusta Nunes da Silva esposa do nosso amigo sr. José Maria da Silva Matos.

Aos aniversariantes desejamos-lhes que essas datas se repitam por muitos anos e bons. —Completo no dia 23 do mês findo 32 risonhas primaveras o nosso querido amigo sr. José Sousa Torres, considerado industrial em Lisboa, a quem enviamos os nossos sinceros parabens com os desejos de que aquela data se repita por anos na companhia de sua esposa e filhinhos.

—No dia 1 do corrente passou mais uma primavera a sr.ª D. Maria da Piedade Santos Regueira, estremosa mãe do nosso colaborador sr. Carlos Regueira Santos, de Lisboa.

Endereçamos á veneranda senhora o nosso cartão de parabens, desejando-lhe que muitos anos conte ainda com alegrias e felicidades.

DOENTE

Tem passado ligeiramente incomodado de saúde o nosso querido amigo e correspondente sr. Mario Nunes Barata, de Lisboa, a quem fazemos votos

pelo seu pronto restabelecimento.

RETIRADA

Acompanhada de seu marido seguiu no dia 30 de Abril para Vila Franca de Xira a sr.ª Joana Rodrigues dos Santos, aonde exerce as funções de guarda da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

A esta desejamos uma feliz viagem.

OPERAÇÃO

No ultimo dia 26 foi operada na Associação dos Empregados no Comercio e Industria de Lisboa, a esposa do nosso assinante sr. Manuel Seario Lopes e irmã do nosso querido amigo Miguel de Almeida Pais Condessa.

A operação decorreu com êxito e á bondosa senhora desejamos rapidas e prontas melhoras.

NA REDACÇÃO

Deram-nos as suas presadas visitas durante a presente semana, os nossos presados assinantes sr. António André Sênos, digno Comandante dos Bombeiros Voluntarios de Ilhavo, António Marques de Pinho, Salvador Nunes de Pinho, Mario de Matos, Cesar de Matos, Manuel da Rocha Salgueiro, Joana Rodrigues dos Santos e José Fontes de Melo, illustre director do *Jornal de Espinho*.

TALHO N.º 55

—DE—

Manuel Lourenço

Carnes de vaca, vitela, carneiro e porco

ESPECIALIDADE EM FARINHEIRAS, MORCELAS, CHOURIÇOS DE SANGUE E CARNES FUMADAS

VENDAS POR GROSSO E MIUDO

197, Rua dos Remedios, 197-A

LISBOA

(N.º 12) Folhetim do «Ecos de Cacia»

“O Rubi Oriental”

Peça Policial em 3 actos

Original de PAIS CONDESSA

2.º ACTO

— «A RATOEIRA» —

A scena passa-se num salão ricamente mobilado.—Portas lateraes e uma ao F. C. e duas janelas lateraes ao F. D. e F. E.—Fogão á E. M.—Um grande espelho na parede da E. M., por cima do fogão.— Nas outras paredes, com diversos retratos, colunas com vasos de flores e estatuetas.—Sofás, um bufete, fauteuils, poitronas, diyas etc., etc.—Ao centro da scena um candieiro grande desai com bastantes lampadas. Na humbreira da porta do F. C. o interruptor eléctrico do candieiro de sala.—Nas janelas cortinas de renda e nas portas lindos reposteiros veludo.—Carpete.—A porta do F. C. dá para um corredor.—Da janela do F. D. avista-se um jardim e da janela do F. E. avista-se uma rua.—Ao subir do pa-

no estão em scena, Conde, Condessa, sentados a cada lado da scena D. e E., um lendo o «Matin» e Condessa vendo illustrações.)

Scena I
Condessa

(para Conde)—Não te parece extraordinário ainda não ter aparecido nenhuma criada a responder ao nosso anúncio!

Conde

Eu também estou admirado, mas se não vier até ao escurecer, temos que servir com as criadas do Barão.

Condessa

Ainda dizem que há crise de trabalho, não vejo tal!

Conde

Não te apoquentes, que não merece a pena!

Scena II

Os mesmos e Arlete

Arlete

(entra da E. A.)—Mamã, está ali uma pequena que vem responder ao nosso anúncio!

Conde

(para Condessa)—Vês como ainda apareceu! (a Arlete)—E que te parece tem cara de bôa-sinha?

Condessa

Isso é comigo, ou agora também te queres meter no assunto da casa?

Conde

Ó filha, o eu perguntar se ella é bôa ou má, parece que não

ofende, não te parece Arlete?

Arlete

Eu sou da tua opinião papá!

Condessa

Pois sim! Olha manda-a entrar para aqui, para eu a vêr! (Arlete sai E. A.)

Scena III

Os mesmos menos Arlete

Condessa

(que tem pôsto de parte as illustrações, para Conde)—Bem agora o menino, faz o obséquio de estar caladinho, porque assuntos de criadas, é com mulheres, e não com homens, percebeu?

Conde

Ó filha está descançada, que agora, só vejo e não digo nada!

Scena IV

Os mesmos, Arlete e Gaby

Gaby

(entra acompanhada de Arlete, vem vestida de preto com uma pequena mala de mão e colôca-a á E. A. ao canto e um jornal que fica em cima da mala)

(para dentro a Gaby)—Entre menina! Mamã, aqui tens a pequena que te falei! (Gaby cumprimenta com vénia Condessa e Conde)

Conde (levantando-se á parte)—É muito delicada! (senta-se novamente)

Condessa (para Gaby)—Então a menina é que vem responder ao anúncio posto no jornal, não é verdade? (Arlete tão depressa está á janela como se senta a lèr, e olhando sempre com muita atenção para os gestos de Gaby)

Continua.

Padaria e Merceria
de JOSÉ MARIA TAVARES

(Em frente ao Apeadeiro de Cacia)

Esta antiga casa, que se esmera por bem servir os seus clientes, tem sempre á venda o belo pão que é fabricado com azeite e farinhas das melhores qualidades.

Também está fornecida de todos os artigos de **MERCEARIA** e de **BOM VINHO**.

Preços de combate!

VÊ PARA CRER!

Manuel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos e chinelas.

Fábrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.
Praça da República (em frente ao chafariz)—Angeja

Manuel Soares

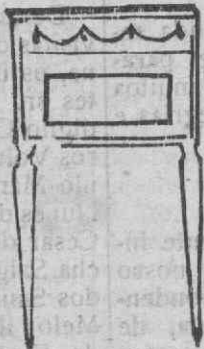
Marceneiro

EIXO — AZURVA

Loja de Merceria e Vinhos.

Encarrega-se de todos os serviços concernentes á sua arte.

Fazem-se Mobílias de quarto e sala de jantar (estilo inglês e Henrique II) camas, mesas etc. Empalhão - se Mo-



bílias em todos os estilos, fazem-se polimentos novos; ou reparações em qualquer obra... Também está fornecido de todos os artigos de Merceria e bom vinho. Ninguém compre sem consultar os seus preços

DINHEIRO

Empresta-se sobre ouro, prata, brilhantes, mobílias, maquinas, louças, pianos, roupas e tudo mais que ofereça garantia. Compram e vendem metais preciosos e joias em 2.ª mão pelos melhores preços do mercado, concertos a preços reduzidos em ouro, prata, platina e relógios na **A Bemfeitora Lt.ª R. S. Bento 420 Lisboa**

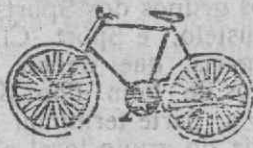
VAGO

Garage do Americano

—DE—

José Maria Pereira

Gafanha da Nazaré (Frente á Igreja)—Aveiro



Vende e aluga bicicletas e seus acessórios de todas as marcas. Reparações garantidas. Preços de combate com rapidez e segurança. Fazem-se todos os concertos em relógios e grafonólas, garantindo-se o seu bom funcionamento.

Vê Para Crer

Coisas úteis

PREÇO DOS GENEROS EM ESTARREJA

Milho b. nacional (20 L.)	18\$00
» Amarelo	17\$00
Trigo	23\$00
Centeio	16\$00
Feijão branco	24\$00
» amarelo	23\$00
» mistura	11\$00
» laranja	28\$00
» frade	17\$00
Ovos (duzia)	2\$50

COMBOIOS EM CACIA

Para o Norte:	Para o sul:
4.59 (correio)	8.11 (Omnibus)
7.26 (Tramvay)	10.31 (Tramvay)
7.34 (Omnibus)	12.10 (Tramw. y)
11.09 (Tramvay)	15.57
13.18	16.58 (Omnibus)
17.3	16.12 (Tramvay)
20.08 (correio)	20.56
22.54 (Tramvay)	23.25 (correio)

A Bemfeitora L.ª

Casa de Penhores

R. de S. Bento, 420

LISBOA

Atenção

Quereis prospectos, faturas, rifas, programas, memorandums, baratos? Só na Tipografia Caciense Quinta do Loureiro Cacia.

Soalho, Fôrto e Cabeço aparelhado sempre em depósito. Madeiras de Construção, Bombas para Marinhas e Tíndes para poços. Tiram-se Orçamentos grátis, encarega-se de qualquer espécie de Carpintarias.

Mataduços—Aveiro

ANTÓNIO SOARES DA SILVA

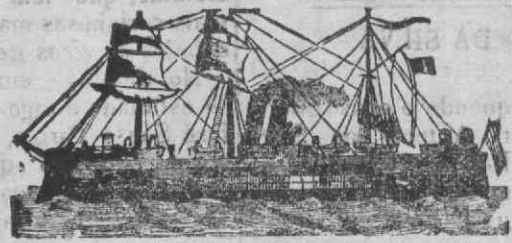
—DE—

Oficina de Carpintaria Mecânica

AGENCIA COSTA

Passagens

Passagens



Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão, Lda.

Escritório e Fábrica: Rua da Pasteleira, 240 (Lordelo do Ouro) — Pôrto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte "Apollo"

O melhor que se fabrica no Pais

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.

A «Construtora» de Móveis de Ferro de Avanca

— DE —

João António S. Borges

Grande produção de móveis az ferro

Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solido e perfeito. Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico Consultem preços.



A ZULEJOS

Azulejos artísticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fiéis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, etc.

FABRICA

— DA —

FONTE NOVA

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922 (Casa Fundada em 1582)